

5

**“O que você está fazendo aqui na nossa sala de aula?”
“Ela está escrevendo sobre a nossa vida”.**

Eu não posso estar no lugar do outro, mas posso vê-lo dentro de mim e também ver-me nele. Mas eu nunca presumiria falar pelo outro, que é perfeitamente capaz de fazê-lo por si mesmo. Eu só posso tentar criar condições para que os outros falem com suas próprias vozes, que não necessitam ser filtradas por mim. Mas se eles falarem por suas próprias vozes não há garantia de que sejam ouvidas. Estou tentando é educar os ouvidos da classe dominante branca para que saiba escutar. Não estou tentando educar os olhos e os ouvidos dos oprimidos, por que estes só podem educar a mim. Não tenho como falar por eles, mas posso falar com eles. Isso é muito importante: falar em solidariedade com o oprimido e não falar por ele (MCLAREN, 2004).

O estudo de caso se desenvolveu procurando-se observar as crianças negras e suas relações com as demais crianças no cotidiano escolar, principalmente no cotidiano de uma sala de aula, mas também no refeitório, no recreio, nos corredores, na aula de educação física²⁰, na entrada e na saída da escola.

Neste capítulo apresento algumas características das crianças²¹, bem como histórias contadas por elas próprias sobre suas vidas, experiências e vivências, especialmente aquelas relacionadas aos objetivos desta pesquisa.

²⁰ A escola não tinha professor de educação física e essas aulas só aconteceram por causa dos professores de uma Universidade privada que desenvolviam o estágio dos alunos do curso de Educação Física na escola Estadual Boa Vista. Eram 12 estagiários e 2 professores/as da Universidade que acompanhavam essas aulas. Cada aula era de uma hora, todas as terças-feiras. A pesquisadora participou de todas as aulas da turma do primeiro ano do ensino fundamental, num total de oito, realizadas no primeiro semestre de 2008.

²¹ Todos os dados sociais das crianças foram colhidos através de suas falas, das professoras e demais funcionários da escola. Essa foi uma pesquisa que privilegiou as falas das crianças em todas as etapas. Como a turma era composta de alunos/as que, em sua maioria, eram vizinhos, primos e irmãos, o trabalho foi sendo desenvolvido com muita tranquilidade.

5.1 Conhecendo as crianças, suas vidas e suas relações

Como já afirmei, esta pesquisa teve como objetivo entender como as crianças negras se relacionavam, se viam e se percebiam em interação com outras crianças e com os adultos. E, sendo assim, ao estudar as crianças no cotidiano escolar, não podemos deixar de relacioná-las ao contexto social, ou seja, às suas experiências pessoais, sociais e culturais. Conforme Kramer (2002), seria enriquecedor se considerássemos a criança como sujeito da história, ao invés de olhar para ela como um sujeito descolado de sua classe social, de sua cultura, de sua etnia e de sua história. Esta pesquisa procurou trilhar por este fio condutor. Kramer defende “uma visão de criança cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas” (id. p. 43).

Um trecho do meu caderno de campo é bem expressivo e me ajuda a fundamentar essa interpretação:

“Hoje a Julia pediu minha ajuda para fazer uma atividade, e através dessa ajuda iniciamos uma conversa. Ela me disse que é evangélica e que o Paulo também é, mas o Paulo dança funk escondido da mãe e que evangélico não pode dançar funk. Perguntei para ela se ela dança, ela me falou que não, pois “eu só gosto de músicas evangélicas”. Julia tem 8 anos e o Paulo tem 7 anos, ambos são primos e moram na mesma favela. Conversando com a Julia, ela me disse que gosta de estudar e quer ser professora, pois gosta muito de ensinar as coisas para as pessoas. E aí ela me disse: sempre quando uma menina vem me trazer, eu passo em frente a uma escola e aí eu falo: Soraia, eu tenho vontade de ser professora nessa escola, essa escola é particular. Perguntei para ela se ela não tem vontade de ser professora na escola em que ela estuda e ela me disse que sim, mas não com o mesmo entusiasmo que falou da escola particular. Perguntei para Julia se ela tem vontade de estudar nessa escola que ela citou. Ela me disse que sim: eu estudava em uma escola particular, mas o dinheiro ficou pouco e aí eu tive que sair para estudar em uma escola pública. O pai da Julia é segurança e a mãe da criança não falou a profissão, apenas que tinha o 2º grau completo e que queria fazer faculdade, mas o dinheiro está pouco, segundo Julia. Julia, qual o nome da sua igreja? Não, é igreja evangélica mesmo! Eu sou evangélica! No momento que estávamos conversando perguntei para a Julia se ela sabia qual era a sua cor. Eu era castanha e agora estou ficando preta. Minha mãe é preta, não, minha mãe é morena e meu pai é

branco. Meu avô é que é preto, preto (Caderno de campo, 28 de abril de 2008).

Alguns trechos das minhas anotações de campo evidenciam outros aspectos do dia a dia da criança negra:

“ Morar no morro é ruim, lá é onde ficam os bandidos, todos armados e às vezes eles não deixam a gente sair e aí minha mãe pula o muro, pois a minha mãe quer trazer a gente para a escola. Minha mãe pula o muro do vizinho e na volta faz a mesma coisa, pula o muro novamente com nós. Os bandidos não deixam a gente descer o morro às vezes e aí minha mãe pula o muro para trazer a gente para escola”. Qual a sua cor? “Eu sou preto, minha família toda é preta” (Caderno de campo, 25 de abril 2008).

Romildo ficou uma semana sem ir à aula. Conversando com a criança, ele me disse: “Eu não gosto de ir à aula todos os dias. A escola é chata. Em casa eu jogo videogame”.

Pesquisadora: Qual jogo você gosta?

Romildo: “Eu gosto de jogo de violência, de ação, de arma. Tem arma, tem tiroteio e morte. O controle do meu videogame é uma arma de brinquedo; uma arma de brinquedo. É legal jogar porque tem tiro para tudo quanto é lado. Qual a sua cor, Romildo “Eu sou preto” (Caderno de campo, 12 de maio de 2008).

Os depoimentos dados pelas crianças dão pistas de como vivem, sobrevivem em seus contextos marcados por condições de vida difíceis e pela violência, mas, também, retratam seus sonhos, fantasias e suas percepções de mundo onde estão inseridos.

Diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia entre outras, têm pesquisado e estudado sobre crianças como atores sociais, visando a compreender como as crianças constroem uma visão e experiência sobre suas vidas pessoais e socioculturais. Nesta perspectiva “este deslocamento envolveu reposicionar as crianças como sujeitos, ao invés de objetos da investigação” (CHRISTENSE e JAMES, 2005, p. xv).

5. 1.1 Perfil social das crianças que participaram da pesquisa

Após várias leituras de trabalhos de dissertações, teses e artigos científicos que retratavam pesquisas com crianças pequenas, notei que

poucos traziam as falas das crianças sobre sua própria realidade²². E foi por aí que comecei a trilhar esta investigação, priorizando as falas das crianças, seus conhecimentos e suas narrativas. Um caminho nada fácil, pois demanda tempo e um mergulho profundo na cultura do outro. É preciso que o pesquisador se disponha a ouvir o outro atento aos detalhes, aos gestos, sinais, indícios e pistas que as crianças vão deixando através de suas falas, perguntas e dúvidas. As crianças perguntavam e elas mesmas respondiam aos questionamentos: “*o que você está fazendo aqui?*” “*Ela está escrevendo sobre a nossa vida*”. E, foi por esta pista que procurei andar, fui em busca das falas das crianças, dos olhares, das conversas, participando do seu contexto. Ao coletar os dados que caracterizaram os sujeitos da pesquisa priorizei as próprias vozes das crianças. O que elas têm a dizer sobre suas vidas, relações e seus contextos? O que as crianças explicitam sobre como são suas famílias e seu viver? Posso dizer que aprendi muito com as falas delas e nem sempre compreendi todas as falas, pela complexidade que envolve o contexto de extrema desigualdade social em que essas crianças estão inseridas.

Assim, para estes itens, procurei selecionar alguns depoimentos das crianças sobre si mesmas, suas vidas e suas famílias de forma a ter um amplo leque de informações para que pudesse caracterizar da forma mais fiel possível o contexto social²³ dessas crianças. Questões

²² Nos trabalhos a que tive acesso em dissertações, teses e artigos publicados em periódicos, a caracterização das crianças - idade, sexo, estrutura familiar, tipo de moradia, etc.- foi recolhida via fala dos adultos ou nos documentos da secretaria da escola. Minha pesquisa foi ao encontro das vozes das crianças para recolher esses dados através de conversas informais com elas. Todos os dados iam sendo catalogados em fichas individuais. Isto possibilitou uma quantidade enorme de informações sobre a vida das crianças, seu contexto familiar, social e cultural.

²³ Em relação a ser uma pesquisadora nordestina, logo nos primeiros encontros a professora perguntou-me de onde eu era, pois havia notado diferença em meu sotaque. Algumas crianças só falavam que a pesquisadora era diferente. Na sala havia quatro crianças nordestinas e, para minha surpresa, só uma se declarava como tal. Esse menino era branco, tinha 8 anos e morava no centro de Niterói. Os pais eram separados; a mãe era copeira de hotel e o pai atendente de lanchonete. As outras três crianças eram uma menina e dois meninos paraibanos. A menina negava sua origem, mas os colegas afirmavam que ela era da Paraíba. Ela só confirmou depois que falei que era nordestina como ela. Um dos meninos era chamado pejorativamente de “paraíba” e sempre reclamava com a professora. O outro menino falava que a família toda era da Paraíba, mas ele era carioca. Eu só fui descobrir a verdade depois de quase três meses na pesquisa, quando sua família resolveu voltar para o nordeste, devido às dificuldades

importantes a respeito dos dados levantados são as que se referem às famílias das crianças investigadas. Deixo claro que nenhum dado aqui explicitado foi recolhido através dos registros da secretaria da escola, mas a partir das falas das crianças; através das falas fui anotando e refletindo sobre a configuração dessas famílias de classes populares. Assim, foram surgindo alguns aspectos relevantes em relação à família: profissão dos pais, situação matrimonial, número de irmãos, local da residência, situação das moradias. Foi possível identificar que a maioria das crianças eram filhos de pais separados, e muitas eram criadas pelas avós, pois suas mães trabalhavam. Para compreender essa realidade das relações que envolvem a estrutura familiar, apresento alguns depoimentos que foram coletados através das falas das crianças sobre seus contextos. Neles fica claramente explicitado que há uma forte presença da avó para cuidar das crianças, assim como para o sustento do lar, e da irmã mais velha para cuidar das crianças mais novas. Os pais das crianças eram pouco mencionados, ao contrário da figura do padrasto, bastante explicitada nos depoimentos. Outra realidade apresentada diz respeito ao número de filhos. Algumas crianças se referiam a esta realidade como mais um gasto para a família. É o caso da Julia, filha única que, ao ser perguntada se tinha irmãos, disse: *“nem pensar, pois é muito gasto ter filho. Minha mãe já gasta muito comigo. Eu tive que sair da escola particular porque o dinheiro ficou pouco”*. As famílias tinham um número de filhos que, em geral, era de 3 a 4 por família.

A maioria dos pais e das mães das crianças que participou da pesquisa é trabalhadora de serviços básicos²⁴:

que estava enfrentando aqui, pois a mãe dessa criança era empregada doméstica, saía cedo e só chegava à noite, o pai estava desempregado e a irmã de 11 anos fazia faxina para ajudar no sustento da família, além de cuidar dos irmãos menores e tomar conta da casa.

²⁴ Esses dados, em relação às profissões dos pais, surgiram na pesquisa empírica a partir das conversas informais com as crianças. No primeiro momento pensei em fazer um questionário com os pais, pensei também em ir às fichas das crianças na secretaria da escola, mas os dados que as crianças relatavam eram tão eloqüentes, que procurei seguir a trilha que elas estavam apontando – os diálogos e conversas informais. Quando chegamos ao final da pesquisa tínhamos em mãos um relatório sobre a vida de cada criança e de seus familiares a partir das falas das crianças. Decidi seguir esta trilha após a leitura da Tese de Maria Batista Lima (2006) que relata que nas fichas das crianças as mães colocavam como “atividade do lar” e os depoimentos das crianças explicitaram

- em relação às mães, sete são empregadas domésticas, quatro, faxineiras, duas, vendedoras ambulantes, uma, babá, uma é faxineira da creche, uma, gari, uma, ajudante no salão, uma, copeira, uma, catadora de lixo, e das seis que não trabalhavam, três queriam arrumar emprego. Não foi possível saber a profissão de três mães, pois havia duas falecidas e uma se encontrava na prisão no momento da pesquisa.

- já quanto aos pais ou padrastos, um é segurança, um, guarda, um, gari, um, pedreiro, um, ajudante de cozinha, dois são vendedores ambulantes, três trabalham como descarregadores de cargas da Kibon, um, catador de lixo, um, diarista, um tem uma barraca de doces na entrada da favela, um é soldador, um, aposentado, um, eletricitista, um, atendente de lanchonete, dois são porteiros e um é bombeiro. De oito pais não foi possível saber a profissão, pois quatro haviam falecido e quatro estavam presos no momento em que a pesquisa foi desenvolvida.

Analisando a profissão dos pais dos alunos do primeiro ano foi possível constatar que, em sua grande maioria, é profissões que exigem formação mínima e, que em geral, são exercidas por populações de baixa renda. Quanto ao quadro das profissões das mães, a situação se repete, ou seja, são profissões com pouca qualificação ou que demandam poucos anos de estudos.

Nesse contexto, a turma era composta, em sua maioria, por crianças de famílias com renda básica, de um a dois salários mínimos, algumas das quais a única renda da casa era “o bolsa família”²⁵, segundo

que as mesmas trabalhavam como empregadas domésticas ou faxineiras. A partir das falas das crianças constatei também uma quantidade significativa de mães que exercem este trabalho.

²⁵ O programa Bolsa Família(PBF) é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 60,01 a R\$ 120,00) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 60,00), de acordo com a Lei 10.836 de 09/01/2004 e o Decreto nº 5749 11/05/06. A grande maioria das famílias das crianças que participaram desta pesquisa recebia o bolsa família. Geralmente a orientadora educacional ia à sala para saber por que algumas crianças estavam faltando e avisar que poderiam perder o auxílio. Havia famílias, segundo relatos das crianças, que recebiam até três bolsas família e só não recebiam mais por que a cota é de no máximo três - o que corresponde aos valores pagos pelo PBS que variam de R\$ 20,00(vinte reais) a R\$ 182,00(cento e oitenta e dois reais), de acordo com a renda mensal por pessoa da família e o número de crianças e adolescentes até 17 anos. O bolsa família era a principal fonte de renda para algumas famílias das crianças pesquisadas.

os profissionais da escola e as próprias crianças. Quase todas as famílias recebiam bolsa família. Cada família só pode receber até o valor de 182,00 reais, ou seja, o que corresponde a três crianças por família. Este é caso da família do Marcos, que tem quatro irmãos.

As crianças sempre chegavam à sala com notícias dos acontecimentos na favela e, em geral, havia uma morte no meio de seus diálogos, mas esses diálogos se davam de modo paralelo não tendo nenhuma relação com o currículo e as atividades desenvolvidas na escola. Apresento a seguir, alguns trechos do meu caderno de campo sobre o contexto de violência em que vivem:

Fábio: Lá, hoje, tem baile.

Sara: Na favela?

Fábio: Sim.

Sara: Você vai?

Fábio: Não, tá doida! É muito perigoso! Na madrugada eu acordo e escuto os tiros. Lá tem cada macaquinho...

Sara: O que é macaquinho?

Fábio: Macaquinho é arma, fuzil, pistola de todos os tamanhos. Tem um fuzil enorme, grandão. Eles colocam no corpo deles e ficam andando no morro dando tiro e de madrugada eles começam a dar tiro e aí eu acordo.

Tadeu: Tia, você já viu Tropa de Elite?

Sara: Sim, por quê?

Tadeu: Lá na favela é igual a Tropa de Elite”(Caderno de campo, 12 de junho de 2008).

Conversando com as crianças no refeitório, surgiu um diálogo sobre seus pais:

Tadeu: “ Faz muito tempo, que eu não tenho mais pai.”

Sara: O que aconteceu com seu pai?

Tadeu: “Morreu de tiro. Ele estava em uma casa e aí chegaram os bandidos e deram vários tiros no peito dele e aí ele morreu. Eu era pequeno”

(Criança negra, moradora de favela, 7 anos). (Caderno de campo, 5 de maio de 2008)

Uma outra criança relata para a professora sobre a atual situação na favela e a violência que eles têm que enfrentar:

“Professora, meu pai tá querendo sair do morro, pois tá matando muita gente e meu pai tá com medo. Ele tá querendo ir para São Gonçalo, morar em um sítio que meu tio toma conta. Lá não tem muita violência. Amanheceu dois mortos em frente à casa do Fábio

e bem pertinho da nossa casa.” (menino negro, morador da favela, 10 anos.) (Caderno de campo, 2 de junho de 2008)

A seguir, registro em meu caderno de campo uma fala de uma menina de apenas 7 anos sobre a violência na favela:

“Tá muito perigoso, professora. Mataram uma mulher lá no morro com 40 tiros. A casa dela ficou cheia de balas”. “Quem matou essa mulher”? Perguntou a professora para a menina. “Os traficantes lá”, disse a criança para a professora da sala da 1ª série. (menina negra, moradora de favela, 7 anos) (caderno de campo, 29 de abril de 2008)

As mães que conheci e com quais conversei são novas e com pouca formação escolar. As famílias que têm um único filho são aquelas que os pais possuem o Ensino Médio completo, como é o caso da família da Julia, do Júnior e do Jorge, e cujas mães querem fazer faculdade, quando a situação financeira permitir.

Assim, a partir dessas informações, é possível afirmar que, em geral, são famílias de camada popular, em sua maioria composta por pessoas com pouca escolarização. Constatei, através das falas das crianças, que apenas três mães e dois pais tinham o Ensino Médio completo e outra mãe estava cursando o 5º ano na mesma escola em que foi realizada a pesquisa. Essa mãe era viúva e tinha 5 filhos. Um dos filhos não gostava da escola e faltava muito às aulas. O menino estava com idade avançada para a série que cursava.

Um dado interessante que emergiu na pesquisa foi a quantidade de crianças que se dizia evangélica (14 delas se declararam evangélicas e desenhavam suas igrejas). Onze crianças se reconheceram como católicas e também desenhavam suas igrejas e davam nomes aos templos religiosos, e três não declararam nenhuma religião. Em todo o período da pesquisa, observamos que na escola havia um número significativo de evangélicos e as crianças davam cartões para as professoras com frases como as seguintes: “Jesus te ama”. “Deus te ama”. Quando fui realizar entrevistas em outras turmas, também presenciei crianças escrevendo no quadro a frase “Jesus te ama”. Em

entrevista com a diretora adjunta, fiz observações sobre essa situação da presença de evangélicos na escola. Ela comentou sobre a oração que a escola fazia todos os dias na entrada e relatou que fizeram uma pesquisa com os alunos para saber de que religião participavam e aí constataram que a maioria era de evangélicos e católicos. Os pais concordaram com a iniciativa da escola e não houve nenhuma reclamação em relação às orações. Em entrevista com as professoras, uma pergunta era sobre a religião e, das cinco entrevistadas três se declararam católicas e duas evangélicas e todas concordavam com a oração na escola e comentaram que, depois da oração, os alunos ficavam mais calmos. A seguir, apresento o depoimento feito pela diretora adjunta da escola:

Em 2001, iniciamos com a oração do 'Pai Nosso' na escola, mas primeiro fizemos uma pesquisa na escola para saber qual era a religião das crianças. Percebemos que há um grande número de evangélicos e católicos na escola. Mas evangélicos de várias denominações e assim iniciamos com a oração do Pai Nosso. Nós não pregamos religião, a gente prega valores. A gente quer ensinar o respeito, o amor, a solidariedade para com o próximo, os direitos e deveres. Percebemos que depois que começamos com a oração muita coisa mudou. Essa diferença nós não percebemos de imediato, isso foi aos poucos. Antes a gente não conseguia parar para conversar com ninguém por que toda hora tinha um problema na escola. Hoje a escola está mais calma e percebemos que houve uma mudança no comportamento das crianças (Fala da diretora adjunta da escola – 11 de julho de 2008)).

Segundo a diretora adjunta, depois que a escola passou a fazer a oração, todos perceberam a mudança no comportamento dos alunos. Na última semana da pesquisa, uma professora fez uma apresentação com sua turma no pátio da escola para todas as crianças, professores, diretores, coordenadores, pais e responsáveis, apresentando uma música e pedindo a Deus que salvasse esta “nação”. A música era cantada pelas crianças que estavam em uma grande roda sob orientação da professora. Esta apresentação foi pedindo paz para Deus sobre a cidade do Rio de Janeiro, numa alusão ao contexto de violência no qual as crianças da escola pesquisada estão inseridas. Um dado levantado na entrevista com a professora do 2º ano foi a questão da violência na escola e na sociedade, e ela assim expressou a dificuldade em lidar com esta

questão: *Nós não fomos preparados para lidar com esta violência que está aí presente. Como você mesma está vendo e observando, o nosso principal desafio é a violência.*

Em relação ao quesito idade podemos observar que há uma defasagem idade/série²⁶ principalmente, em relação aos meninos²⁷ da turma pesquisada. Das 28 crianças que participaram da pesquisa, 12 eram meninas e 16 meninos. Desse total, dois meninos e três meninas tinham 7 anos, quatro meninos e oito meninas, 8 anos, três meninos e duas meninas, 9 anos, dois meninos e uma menina, 10 anos, um menino, 11 anos; um menino, 13 anos e um menino, 14 anos.

Das 28 crianças, três – Letícia, Rodolfo, Júnior – estavam matriculadas no 2º ano, mas fizeram uma avaliação e retornaram para o 1º ano e eram crianças negras e pardas moradoras de favelas. Todos os demais eram alunos e alunas repetentes do 1º ano de ensino fundamental e algumas cursavam há vários anos esta série. Vários meninos negros estavam há mais de três anos no 1º ano. Doze crianças – sete meninas e cinco meninos -, com idade entre 7 e 8 anos, segundo comentários da professora, precisariam de um reforço escolar, caso a escola oferecesse este recurso. Todas eram crianças negras e moradoras de favelas. Havia apenas uma menina branca com problemas psicológicos, segundo as professoras entrevistadas.

Quanto à cor, eu ouvi as vozes das crianças sobre sua pertença racial e para isto fiz uma atividade com elas onde perguntava a sua cor/raça. No item seguinte, apresentarei alguns desenhos produzidos pelas crianças, bem como suas falas sobre as questões que a pesquisadora propôs neste momento.

²⁶ Cabe informar que a idade correta para fazer a 1ª da primeira etapa do Ensino Fundamental é de 6 anos. O aluno com 14 estaria no 9º ano da segunda etapa do Ensino Fundamental.

²⁷ Praticamente quase todos os meninos estavam com a idade avançada para a série que cursavam. Um dado importante nesta pesquisa e que vai ao encontro de outras que já confirmaram esta situação, como por exemplo, Carvalho, Rosemberg, e dados do IPEA, as crianças negras em defasagem série/idade são, em sua maioria, meninos negros.

5. 1.2 A autodeclaração realizada pelas crianças e seus desenhos

São as experiências de vida que nos transformam no que somos através de um incessante processo de formação – processo de constituição e consciência de nós mesmos, adultos e crianças (LOPES, 1998, p. 132).

A autodeclaração se deu através da produção de um desenho livre. Pedi que as crianças desenhassem uma situação onde se sentissem felizes ou lembrassem de algo bom que tinha ocorrido em suas vidas. Quando terminaram solicitei às crianças que colocassem no desenho alguns dados como nome, idade, endereço, série, cor e religião²⁸.

Foram ao todo 27 desenhos, pois uma criança não participou dessa atividade, já que não se encontrava presente na sala de aula. Os desenhos retratavam suas vidas, a favela, suas casas, a escola e suas igrejas. Neles, percebia-se a presença de vários símbolos religiosos como a cruz, Deus, Jesus crucificado e alguns termos que representam suas igrejas, sejam católicas – Igreja de Nossa Senhora - ou evangélicas, como a Universal, Cristã do Brasil, Metodista, Batista, Igreja da Graça etc. Foram ao todo sete denominações de igrejas evangélicas. Frases como “Jesus te ama!”, “Em seis dias Deus fez o mundo!” “Deus te ama!” “Jesus é a nossa estrela da manhã”, foram colocadas nos desenhos. Também vemos nos desenhos a presença da televisão, do carro, da bicicleta, avião, castelos, árvores, plantas, mar, céu, estrelas, lua e pássaros. Foram nove desenhos sobre igrejas, cinco sobre o morro, dez sobre suas casas, praias, parque, árvores, flores, borboletas, pássaros, sol, nuvem, estrelas e pessoas; um desenho de castelo, um de prédio, um sobre a escola e um, feito por uma menina: um mapa representando sua vida.

²⁸ Não previa pesquisar a religião com as crianças, a idéia surgiu depois que notei alguns desenhos mostravam templos religiosos e até cruzes para representar que aquela casa era uma igreja. Muitas crianças desenharam Deus, a cruz e a igreja como algo bom na vida deles. Por este motivo a religião entrou como mais um dado sobre a vida das crianças e de suas famílias. Constatei um número significativo de evangélicos em toda a escola.

Através dos desenhos, é possível perceber a presença significativa das igrejas evangélicas na vida das famílias das camadas populares, além da referência à igreja católica. Apenas duas crianças falaram que não participavam de nenhuma igreja e que não sabiam qual era a sua religião. Os desenhos também oferecem pistas para compreensão das relações que essas crianças vivenciam no seu contexto social, pois a maioria dos desenhos apresentou contextos fora da escola. Apenas um desenho foi sobre a escola. No momento de autodeclarar sua cor, algumas crianças pediram para escrevê-la no quadro, e, então, foi interessante ouvir as vozes das crianças se autodeclarando. Uma criança pediu para escrever no quadro a cor 'loira'. A professora imediatamente perguntou quem era 'loiro' na sala e falou: "Aqui não tem ninguém loiro". Essa menina que se identificou como 'loira', pinta o cabelo de 'loiro', mas sempre ia até a mesa da professora reclamar que os colegas a estavam chamando de cabelo duro e espetado. Esta é uma das minhas anotações de campo sobre este item:

"Professora, tá me chamando de cabelo duro e espetado". A professora falava: "Aqui na sala ninguém pode falar do cabelo de ninguém, pois todos são iguais, inclusive o meu é cabelo duro. É cada um melhor do que outro", e a conversa era encerrada. (caderno de campo, 25 de abril de 2008)

Apenas uma menina não quis se autodeclarar alegando que sua cor era feia, mas a professora conversou com ela e pediu que falasse uma cor que gostasse. Ela acabou se autodeclarando mulata. Notei também que, ao mesmo tempo em que algumas crianças se autodeclararam morenas, outras se afirmam negras. Ouvi várias vozes dizerem: "eu sou preto, eu sou preta", mas também ouvi crianças negras afirmando que eram morenas, mesmo com outros colegas afirmando que eram pretos. *"Você é morena, olha para o cabelo dela, professora. Ela não é morena, ela é preta."* (Essa menina se autodeclarou morena. A colega a ouviu falar que era morena e mandou a pesquisadora olhar para o cabelo da menina, afirmando que ela não era morena e, sim, preta).

A classificação racial experimentada pelo grupo de crianças observadas nesta pesquisa abrange a utilização de vários termos,

levando a que uma pequena diferença de tom de pele seja evidenciada, ou seja, a cor da pele e a forma do cabelo são dois componentes básicos para esta diferenciação. Gomes (2001) afirma que a dupla cabelo crespo e o corpo negro são considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra brasileira e está relacionada com a forma como se vêem e são vistos pelo olhar do *outro*, *do que está de fora*. E é nesta relação tensa, conflituosa e complexa que a dupla cabelo e cor da pele possibilita a construção social, cultural, política e ideológica, pois ambos são usados, ao longo da história do Brasil, como critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco na nossa sociedade.

Além dessas categorias básicas (preto, branco, louro e moreno), outras crianças utilizaram, durante conversas informais, as categorias marrom, castanho, mulata, moreno-claro, moreno-escuro, preto-forte, preto-fraco, e negro, demonstrando, que a classificação racial sofre um processo de gradação. A gradação equivale à utilização de frases comparativas como: “*Ele não é preto não*”, “*Eu sou mais clara que ela*”, “*A minha mãe é morena clara e eu sou morena escura, meu pai que é preto*”, “*Meu avô que é preto, preto*”, “*Você é morena clara*”, “*eu sou morena forte*”, etc.

Nesse sentido, a classificação racial feita pelas crianças permitiu-me observar a composição racial do grupo a partir do ponto de vista das crianças, e perceber que há certo consenso social em torno das categorias raciais referidas à vida social das crianças e dos adultos. Gomes (2001) ressalta também que a classificação racial não se baseia unicamente na aparência física. Distintivos de classe social, como a educação e a renda, também têm um papel fundamental na autoidentificação. Assim, identificação racial é uma construção social para a qual contribui o lugar que as pessoas ocupam na sociedade e, também, como as próprias pessoas se vêem.

Uma criança fez a seguinte distinção:

“Ele é preto e mora em barraco, no pior local do morro, eu sou moreno claro e moro em uma casa, na entrada do morro.” A criança que ouviu esta frase, abaixou a cabeça e confirmou para a pesquisadora que morava em barraco e em local ruim. (Caderno de campo, 9 de junho de 2008)

O diálogo abaixo, ocorrido na sala de aula com um grupo de crianças confirma a multiplicidade de categorias utilizadas pelas crianças ao tentar classificar a professora e a pesquisadora. Fiz as seguintes perguntas para as crianças:

*Sara: Qual a cor da professora?*²⁹

Rodolfo: A professora é morena clara.

José: Levanta a cabeça e olha para a professora e fala: ela é morena.

Henrique: Ela é branca.

Rodolfo: E você, o que você acha?

Sara: Neste momento não quis responder e fiz uma pergunta para as crianças.

Sara: Qual a minha cor?

Todos afirmaram que eu era branca, apenas uma menina que estava chegando ao grupo, falou que eu era morena clara. (Caderno de campo, 12 de junho de 2008)

Um trecho do meu caderno de campo é bem expressivo sob esta perspectiva:

Eu e minha irmã, a gente é moreno, a gente é moreno e pronto. Você não é moreno, olha a sua cor, sua cor é preta. (Um menino negro se autodeclarando como moreno, mas, na mesma hora, uma colega afirmou que ele e sua irmã eram pretos). (Caderno de campo, 27 de junho de 2008)

Ao todo, foram seis crianças que se autodeclararam como brancas; uma criança como mulata; oito como morenas; duas como morenas claras; duas como morenas escuras; uma criança como loira e oito como negras.

Uma outra pergunta foi o local de moradia. Algumas crianças não afirmavam morar em morros ou favelas. Uma criança falou: “eu não vou dizer que eu moro no morro”. Outras crianças escreviam o nome da favela e até desenhavam suas casas e igrejas em morros. A criança está

²⁹ A professora que participou da pesquisa respondeu ao questionário e se auto-declarou como parda. Quando perguntei para a professora em uma questão aberta, qual a sua cor, ela olhou para mim e falou: “*eu acho que sou parda, eu sou parda.*” Mas as crianças classificaram a professora com várias tonalidades de cor: morena clara, morena escura, morena e branca, mas nenhuma chegou a dizer que a professora era negra. Assim, também, fiz a mesma pergunta para as crianças, para saber qual a cor minha. Quase todas responderam que a eu era branca e algumas me classificaram como morena clara.

continuamente interagindo, comunicando e elaborando significados a partir do seu mundo sócio-cultural e, nesse sentido, é importante o pesquisador estar com a escuta atenta e ter respeito ao tempo da criança.

A seguir, apresento as fotografias dos desenhos, ou seja, fragmentos do cotidiano das crianças, favorecendo o resgate da “memória da experiência vivida, redimensionando-a a partir da observação e da análise desses registros, fragmentos da realidade” (LOPES, 1998, p 81), ampliando, desse modo, a compreensão sobre o objeto da pesquisa.

Em outras palavras, registro aqui a experiência vivida pelas crianças através de desenhos, fotografias, falas e registros do caderno de campo, buscando construir um texto-imagem, propiciando uma descrição mais completa e detalhada de situações concretas do cotidiano por elas vivido. Não apresentarei todos os desenhos, mas os que considere de maior relevância para o foco do presente trabalho. No conjunto dos desenhos, dois espaços apareceram como eixos da vida dessas crianças, relacionando suas experiências positivas e de felicidade: a casa ou a favela e a igreja.

Apresento os desenhos das crianças segundo os temas gerais que guiaram a produção dos mesmos e os aspectos levados em consideração no momento da sua produção em sala de aula. Os desenhos foram observados, analisados, interpretados, questionados segundo as falas de seus autores durante a produção dos mesmos. Falas estas presentes nos registros dos cadernos de campo.

Lara é uma menina que gosta de conversar usando a linguagem de sinais, pois, segundo ela, tem duas amigas surdas e está aprendendo a linguagem com elas. Lara pinta o cabelo de louro, mas a maioria das meninas da sala de aula faz penteados afro, Lara sempre chega com o cabelo trançado e pergunta se ficou bonito. Outro dia fui surpreendida com a pergunta da Lara: “*por que você só tira foto do povo mais feio da sala?*” Eu não esperava por esta pergunta, pois estava tirando fotos de todos, mas Lara me fez rever todas as fotos, quando cheguei em casa, para saber quem estava sendo fotografado. Percebi que na grande maioria das fotos as crianças negras estavam presentes.

Das minhas anotações de campo, destaco esse registro sobre a vida da Lara:

Estava quase na hora de ir embora, mas, faltando poucos minutos, Lara abriu sua mochila, tirou dela um livro e veio até o final da sala mostrar para mim. Era uma Bíblia. A menina abriu a Bíblia e começou a ler em Êxodo 20:12. Esta passagem é sobre os dez mandamentos e foi lida em voz alta: “Honra ao teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá”.

Pesquisadora: Por que você está lendo essa passagem da Bíblia?

Lara: *Eu xinguei a minha mãe e aí um dia eu abri a Bíblia, li essa passagem e gostei. Depois dessa leitura a criança abriu a Bíblia em Salmos e falou: “Esse salmo que eu vou ler eu gosto muito é o 139:1. Meu irmão lia a Bíblia e aí eu o vi lendo e fiquei querendo ler também. Quando aprendi a ler, eu lia a Bíblia e gostei. Eu me apeguei à Bíblia (Caderno de campo, 19 de maio de 2008).*

O desenho da Ana Carla, sua relação com a igreja, família e seu local de moradia, o morro



Foto 16: O desenho da Ana Carla

Ana Carla é uma menina que se autodeclarou morena. “*Minha cor é morena. Meu pai é preto, minha mãe é morena e eu sou morena.*” Perguntei para a Ana Carla qual era sua cor, ela me respondeu: “eu sou morena”. Uma colega que estava do lado falou: “*morena! Olha o cabelo dela, ela não é morena, ela é preta.*” Ana Carla abaixou a cabeça e foi terminar seu desenho, mas no desenho ela se autodeclarou morena. Ana Carla sempre falava que não gostava do cabelo dela, pois queria que o cabelo fosse grande e liso. Destaco esse trecho das minhas anotações do caderno de campo:

Sara: *Ana Carla, qual a sua cor?*

Ana Carla: *Ela ri e fala: A minha cor é mais forte e a sua é mais fraca. A sua cor parece morena fraca e a minha cor morena forte.*

Sara: *Qual a cor do seu pai?*

Ana Carla: *Meu pai é preto fraco e minha mãe morena clara.*

Sara: *Seu pai tem a mesma cor que a da Tereza? Tereza é uma criança negra da sala de aula e se autodeclarou como preta.*

Ana Carla: *Não, a cor da Tereza é preta forte e meu pai é preto fraco.*

Minha mãe colocou um aplique no cabelo e agora eu quero colocar um também porque ficou muito bonito, eu acho feio meu cabelo, ele é muito curto. (Caderno de campo, 26 de junho de 2008)

No início da pesquisa ela usava cabelo curto e falava que não gostava do cabelo e queria colocar um aplique. No final da pesquisa ela colocou o aplique. Essa criança sempre se referia ao seu cabelo como algo feio e de que não gostava, por isso iria colocar um aplique bem grande para fazer rabo de cavalo. Ana Carla explicitou também que era evangélica.

O desenho do Rodolfo



Foto 17: desenhou um prédio, avião e um carro.

Este desenho é de um menino de 9 anos e mostra um prédio, um carro, um avião e várias pessoas entrando no avião. Essa criança se autodeclarou moreno claro. Ele mora na favela, mas sua mãe faz faxina em prédios no centro de Niterói, segundo a própria criança. Quase todos os desenhos que essa criança fazia na escola eram sobre prédios e também a estrutura das casas na favela. Destaco esse diálogo realizado com a criança na sala de aula:

Criança: Aqui na sala todo mundo é moreno.

Sara: E a professora?

Criança: Morena.

Sara: E a minha cor, qual é?

Criança: Você é branca.

Sara: E qual a sua cor?

Criança: Eu sou moreno claro. Minha cor é mais clara, mas se você olhar para toda a escola, toda a escola é morena. Tem alguns assim e aí ele olhou para o grupo dos meninos brancos na sala e falou: são um pouco diferentes, mas a maioria é moreno.

Sara: Agora pergunto para a criança se a Caroline é morena. Caroline é uma criança negra.

Criança: Não posso falar, mas ela também é morena. Aqui na sala quem não é moreno são eles ali e apontou para o grupo dos 4 meninos brancos.

Sara: Por que você não pode falar?

Criança: Porque é caso de polícia.

Sara: Por que você falou que é caso de polícia?

Criança: Não pode chamar o outro de preto, mas ela é morena como todo mundo aqui na sala. Todo mundo aqui é moreno. (A conversa foi encerrada, pois a criança saiu e não quis conversar comigo). (Caderno de campo, 8 de maio de 2008)

Neste diálogo, percebemos que ser chamado de *preto* é considerado uma ofensa, ou até mesmo “caso de polícia”, ou seja, as crianças vão vivenciando o preconceito no processo de socialização nos espaços do cotidiano. A criança vai adquirindo a noção do outro, do diferente, também em termos raciais. Ela vai adquirindo e interpretando essas diferenças nas relações sociais. Para Fazzi (2000), o processo de classificação racial é um processo social, circunstancial e maleável.

O desenho do Juca

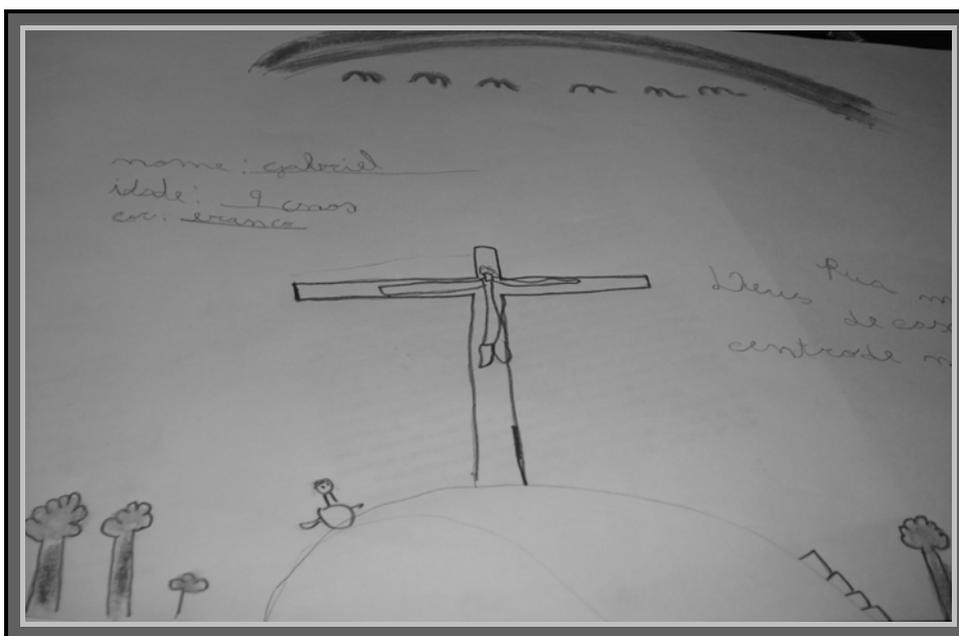


Foto 18: O desenho do Juca apresenta Jesus crucificado

Quando iniciei a atividade e pedi para que a turma fizesse um desenho, essa criança foi a primeira a falar: “*eu já sei o que vou desenhar*”. Ele desenhou Jesus pregado na cruz em cima de um morro e do lado esquerdo duas flores e do lado direito uma flor. No desenho ele fez uma escada para ter acesso à cruz e também uma pessoa próxima da cruz. Essa criança tem 9 anos e se autodeclarou branco e evangélico e assim era reconhecido por todos na sala de aula, ou seja, pela professora e pelas crianças. Às vezes, Juca chegava à sala e falava: “professora, ontem na igreja eu participei da santa ceia³⁰”. Essas crianças sentem muita necessidade de falar de seus contextos, mas a professora sempre interrompia as conversas sobre suas vidas. Juca era calado e só se relacionava com o grupo dos meninos brancos e era visto como diferente pelas crianças negras.

O desenho do Victor

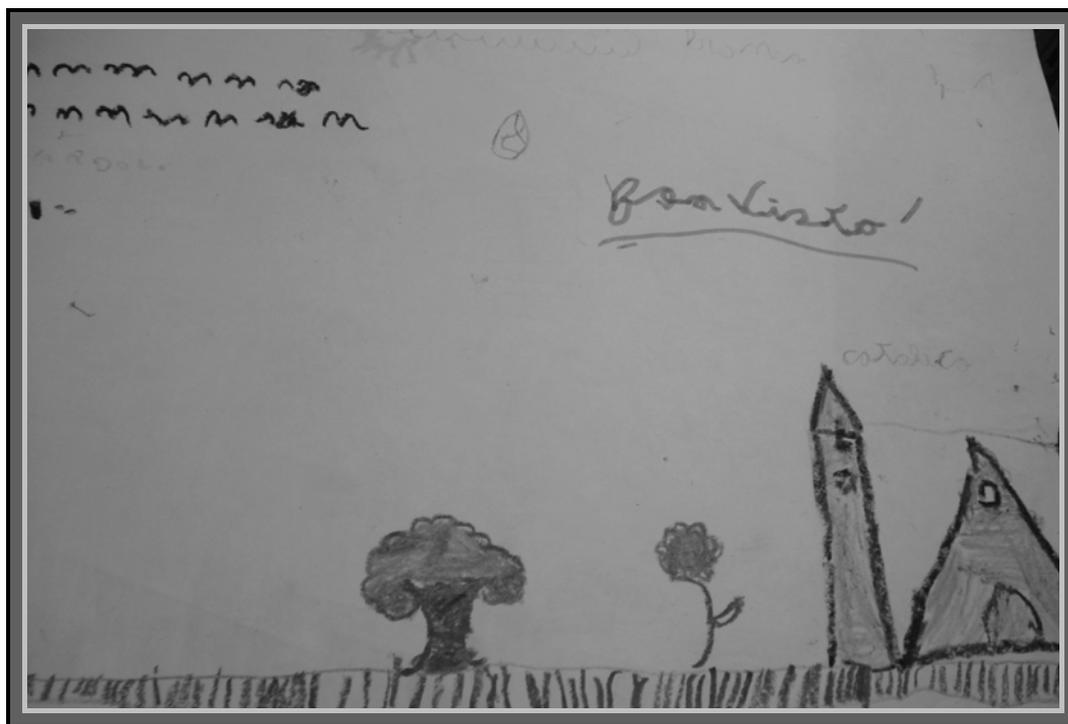


Foto 19: Desenhou uma igreja, árvore, flor, sol e pássaros.

³⁰ Rita de Cássia Fazzi em sua tese de doutorado, também constatou uma grande quantidade de crianças das camadas populares evangélicas, mas, por outro lado, nas escolas de classe média a grande maioria das crianças é católica ou sem religião.

Todos os desenhos dessa criança eram sobre sua igreja. Gostava de falar e de desenhar sobre a Igreja de São Jorge e Nossa Senhora. A fé dessa criança em Deus era visível. Sempre chegava à escola falando de sua aula de catecismo. Victor se autodeclarou branco e assim era visto pelos colegas e pela professora. Morava no morro, mas não falava que morava e sempre dava a entender que morava próximo da escola. Não se relacionava com as crianças negras e sim com o grupo de meninos brancos. Conversava muito comigo e sempre me pedia ajuda. Um dia ele me pediu para tirar uma foto dele. Neste momento tinha um grupo de crianças negras próximo da minha mesa e pedi para que todos se juntassem para que coubessem na foto, mas ouvi do Victor. “Não, eu não tiro foto com todo mundo.” Mais uma vez apresento um diálogo com esta criança na sala de aula:

Sara: *Por que você não tira foto com todo mundo?*

Victor: *“Eu sou sensível”.*

Esta foi a resposta que a criança encontrou para não tirar a foto com as crianças negras, pois, neste momento, ele era a única criança branca do grupo (Caderno de campo, 27 de maio de 2008).

5.2 Histórias sobre a vida das crianças

Neste item, passo a narrar algumas histórias sobre a vida das crianças, histórias contadas por elas próprias, sobre suas vidas, seus saberes e vivências de seus cotidianos. São histórias que foram relatadas espontaneamente nas nossas relações no dia a dia da dinâmica escolar. Pesquisar a criança negra no cotidiano escolar não é fácil e demanda um trabalho de paciência, compreensão, dedicação e tempo de imersão no campo. Supõe atenção a todos os detalhes que acontecem: as falas, os gestos, os olhares, as pistas que elas foram deixando para que pudesse compreendê-las a partir de suas experiências e vivências.

Moreira e Câmera (2008) afirmam que é preciso ter cuidado ao usar a expressão *criança negra*, pois demanda uma pluralidade de diferenças no interior desse grupo. “Devemos ter cuidado ao usar a expressão “criança negra.” A quem nos referimos? Às meninas? Aos meninos? A

uma criança das camadas populares? A uma criança da classe média? A uma criança católica? A uma criança evangélica?” (id. p. 45, 46). Para os autores, a expressão “criança negra” não dá conta da diversidade das crianças negras presentes nas escolas. No entanto, este trabalho tentou se aproximar das crianças negras no cotidiano escolar. São meninos e meninas que se declaram, em geral, católicas e evangélicas. São meninas negras que gostam de dançar *funk* e jogar futebol. São meninos e meninas negros/as que trabalham, estudam, brincam e têm uma vida pautada pela exclusão social. Enfim, uma multiplicidade de manifestações culturais e de identidades que torna a sala de aula rica e plural.

5.2.1 A história de Letícia

Letícia é uma menina negra; usava um aplique no cabelo e morava no morro do Sabão. Aos 9 anos e estava repetindo o 1º ano do Ensino Fundamental. Ela morava na favela com sua mãe e seus quatro irmãos. Seu pai faleceu e sua mãe trabalhava em uma creche como faxineira.

Através desse registro passo a contar a história de Letícia relatada pela própria criança. Esse depoimento ilustra a vida dessa criança negra no cotidiano da escola e sua realidade social, cultural e econômica:

A professora iniciou hoje a aula com uma atividade de leitura coletiva. Ela passou várias palavras no quadro para que as crianças fossem lendo e depois copiassem para realizar um ditado. Letícia, sentada ao meu lado, abriu sua mochila e pegou um caderno. Observo que tem uma atividade diferente, que a professora não passou e pergunto para ela que atividade é esta. Ela me diz que é uma atividade da aula de reforço. “Faço aula de reforço e a professora do reforço me deu essa tarefa”. Logo em seguida Letícia tira da sua bolsa alguns livros e aí pergunto de quem são. “Esses livros são meus, pois quando eu estava na 2ª série, eu usava esses livros e agora eu voltei para a 1ª série. “Eu gostei de voltar para a 1ª série, pois a 2ª série era muito chata, eu gosto mais de ficar na 1ª série. Esta é a terceira criança que me fala que voltou do 2º ano para 1º ano. Ela me mostrou o exercício que estava fazendo e me falou: “Fiz tudo, professora, e com muito capricho”. Os livros que a Letícia trazia eram de Português, Ciências e Matemática. No recreio fui observar quem são os alunos do 2º ano e reparei que apenas duas meninas eram negras. No 1º ano quase todas as meninas são negras. Outro dia, ela me falou: “Eu quero ir para a 2ª série, eu não

quero perder o ano e por isso eu estou no Cedilha. Eu estou aprendendo a ler lá no Cedilha, com a professora do reforço”.

Nesta mesma aula, Letícia fez um desenho e veio me mostrar; o desenho parecia ser uma casa com um jardim, e aí perguntei para a criança se era a sua casa. *“Não, aí é a igreja aonde eu vou”.* Qual o nome da igreja, Letícia? *“É católica.”* Você frequenta outra igreja? *“Não”.* Aí começamos a conversar sobre as práticas da igreja e perguntei o que ela fazia lá. *“Nessa igreja, eu rezo.”* *“Por que você falou nessa igreja, você vai à outra?”* *“Eu vou! Em qual?”* *“Eu vou em duas.”* *“Uma no morro e outra fora do morro.”* *“Quais são os nomes das igrejas?”* *“O nome da que fica fora do Morro é Tribobó e a que eu vou no morro é católica.”* Após esse diálogo, ela me olhou e não falou mais nada, abaixou a cabeça, foi sentar no seu lugar e não deixou o desenho comigo. (24/03/08, p.10,11). Letícia se autodeclarou mulata; para ela, ser negra é ser feia e ela não gosta da cor. Foi no momento da atividade do desenho que Letícia manteve este diálogo, pois não queria se autodeclarar no desenho (Caderno de campo, 24 de abril de 2008).

5.2.2 A história de José

“Eu quero estudar para arrumar um emprego de carteira assinada”.
“O emprego de meu pai é de carteira assinada”.

José é um menino negro, de cabelos bem curtos, que usava um bermudão jeans muito maior que ele, com o auxílio de um cinto velho para tentar segurar a roupa. Usava um chinelo e, no período da pesquisa, ganhou um tênis velho da secretária da escola. Este menino trabalhava no sinal de trânsito no centro de Niterói, sua cidade natal, vendendo balas. Ele morava na favela com o pai, a avó e seus cinco irmãos. Sua mãe faleceu. O pai era descarregador de cargas da Kibon. *“Meu pai tá trabalhando de carteira assinada, professora. Ele conseguiu um trabalho de carteira assinada”.* Ao perguntar para José se gostava de estudar, ele me falou: *“eu estudo para consegui um emprego”.*

Na época da pesquisa, José estava sempre sendo mandado para casa para tratar de uma alergia que apareceu em sua cabeça, chegando a ficar o mês de abril quase todo sem participar das aulas. No final da pesquisa, no mês de julho, foi pedido, mais uma vez, que ele ficasse em casa para tratar dessa alergia. Mas, mesmo assim, estava quase todos os dias na porta da escola para levar sua irmã que estudava na mesma sala de aula. No primeiro dia que cheguei nesta sala para desenvolver a

pesquisa, esta criança me chamou muito a atenção, pois desenhou uma mão, foi até o fundo da sala e me ofereceu. Ao olhar o desenho não resisti e perguntei o que ele significava. Tratava-se de uma mão, com vários riscos pequenos e uma cruz no meio, e com os dedos pintados. Apresento a seguir este depoimento feito pela criança que registrei no meu caderno de campo.

Sara: Por que você desenhou esta mão, José?

José: *Não sei, me deu vontade de desenhar e dar pra você.*

Sara: O que significam esses riscos e essa cruz?

José: *Eu desenhei essa mão com os dedos pintados e no meio da mão eu coloquei veias e tem muito sangue e fiz a cruz na mão.* (Caderno de campo, 18 de março de 2008)

Eu não sabia da história da vida dessa criança e fui conversar com a professora sobre o desenho que ela havia feito. No mesmo dia fiquei conhecendo sua história: um menino de 11 anos, negro e morador de favela. O desenho podia estar relacionado à sua vida e a morte de sua mãe. José falava que era moreno e não se declarava como morador de favela, mas sempre o via comentando com a professora que gostaria de sair da favela por causa da violência e das mortes que aconteciam no morro. Dizia não gostar da professora, pois quase sempre era colocado para fora da sala de aula. José gostava de sentar na frente e fazia todas as atividades propostas pela professora. No entanto, anotei várias vezes no caderno de campo que esta criança era colocada com frequência para fora da sala de aula.

A seguir, apresento o depoimento feito pela professora sobre a vida desta criança:

“Ele tem uma história horrível, a mãe foi morta pelo crime, acho que mexia com coisa errada. Acho que foram os próprios bandidos que mataram. Deixou mais quatro, aquela menina ali é irmã dele. Aqui é assim, cada história horrível. A professora continuou falando da vida da criança para a pesquisadora. Ele tem 11 anos, às vezes trabalha no sinal de trânsito, recebe bolsa família e cata xepa para sobreviver. Ele vive com a avó, mas ela é cega e as crianças ficam jogadas, pois o pai trabalha o dia todo. Ele mora na favela, no pior local e em barraco. Às vezes eu relevo muita coisa, eles não são culpados, não têm família, não têm estrutura. Eu até gosto deles. São crianças”. (Conversa com a professora da criança) (Caderno de campo, 18 de abril de 2008).

Uma das anotações de campo que fiz sobre a vida do José ilustra bem alguns aspectos da criança negra no cotidiano escolar:

José chegou para mais um dia de aula e dessa vez ficou na porta da sala, sem querer entrar. A professora pediu várias vezes para que o aluno entrasse na sala, mas ele continuou afirmando que não entraria e que iria conversar com a diretora adjunta da escola. Saí da sala para conversar com ele, que declarou não gostar da professora e nem de sentar no fundo da sala, pois não enxergava o que estava escrito no quadro. A diretora chega e eu entro para a sala de aula. A diretora também conversou com o aluno e solicitou à professora que arrumasse um lugar na frente para ele. Então, José foi colocado na quarta fila e no terceiro lugar, o que não o agradou, já que gostaria de sentar mais na frente, nas filas que estão próximas da mesa da professora.

Conversando com a professora, ouvi: “Sara, eu sinto que ele quer assistência, mas eu não posso nem tenho tempo de ficar toda hora dando atenção para o José. Com esta sala super lotada e o apoio da diretora adjunta, ele não quer ficar mais na sala de aula”. José quase todos os dias pede a professora para ir à sala da direção, onde fica conversando com a diretora adjunta e retorna, depois de um bom tempo. Outro dia observei que ele voltou de uma conversa com a diretora adjunta e veio me pedir para passar deveres para ele. Sara, escreve aqui no meu caderno um dever? José gostava de desenhar casas enormes, amplas, e escolas, sempre com varias janelas e repartições. José morava em um barraco em péssimas condições, segundo relato das crianças e das professoras. Ele recebia bolsa família e também ia à xepa, segundo sua irmã e seus colegas, mas ele não gostava de falar disso (Caderno de campo, 7 de julho de 2008).

Nesse contexto, esses depoimentos parecem bem significativos para se compreender o cotidiano da escolar dessas crianças e os desafios que enfrentam.

5.2.3 A história do Victor

“ Eu não sou Paraíba!” “Você é, sim!”

“Eu não moro na favela.”

“ Lá na Paraíba é melhor do que aqui. “Lá não tem essa violência”.

Victor tem 8 anos, é uma criança branca, nordestina e moradora do Morro da Boa Vista, mas não gostava de falar que morava lá. Seu pai

é baiano, eletricista e está desempregado. A mãe, paraibana, é empregada doméstica e, segundo a irmã, sai muito cedo, só retorna à noite, e por isso ela cuida da casa e dos irmãos. Às vezes, Victor é levado para a escola por sua irmã, mas ela não entra e vai fazer faxina no horário da aula. *“Eu faço tudo dentro da casa e cuido dos meus irmãos mais novos”*. Outro dia a professora dela comentou que essa situação fazia com que a menina faltasse muitas aulas e perguntou para a outra professora se o irmão também faltava. Mas o Victor quase não falta às aulas. Ele é católico e gosta de falar da sua igreja. Outro dia levou um desenho da sua igreja para a professora, onde escreveu: “Igreja de Nossa Senhora Aparecida”. Eu só fui saber que o Victor era nordestino depois de quase três meses desenvolvendo minha pesquisa na escola. “Professora, eu vou embora para a Paraíba”. *“Você vai embora, não aguentou, né?”* Sua família também vai ou só você?”, perguntou a professora para a criança. Victor mora no pior local do morro, em barraco. Está sempre com seu material muito organizado e com as roupas muito limpas. É uma criança branca, de cabelo bem clarinho e liso, ao contrário da irmã que tem a cor da pele mais escura, e cabelo encaracolado. A irmã trabalha para ajudar no sustento da família. Ele não gosta do morro e quer ir embora para o nordeste, onde mora um de seus irmãos.

Das minhas anotações de campo, destaco esse registro:

“ Victor chegou à sala, sentou, abriu sua mochila, pegou um desenho e o entregou à professora. Neste desenho ele colocou o nome da sua igreja com letras bem grandes: Igreja de Nossa Senhora Aparecida. A professora elogiou o desenho e falou: “Que bom que você desenhou sua igreja”. “Você foi à igreja este final de semana”? “Eu fui no sábado, professora. “Eu faço catecismo todos os sábados” (Caderno de campo, 24 de abril de 2008).

Mais um trecho do meu caderno de campo focaliza a vida da criança no cotidiano da escola e suas experiências sociais e culturais, relatadas pelas próprias crianças:

“Eu acho que vou embora agora, Sara, no mês de julho, para a Paraíba. Lá para ir para a escola, não tem sinal, não tem pista. Lá eu moro pertinho da escola. Aqui eu moro longe, eu moro no morro. Lá a polícia quando vai apartar uma briga não usa arma, aqui ela está armada até os dentes. Lá não tem quase tiroteio e aqui tem. Aqui é mais violento. A gente vai no mês de julho voltar para lá”.

Sara: Você gosta de estudar, Victor?

Victor: *Eu gosto de estudar História e Geografia.*

Sara: E onde você estuda História e Geografia?

Victor: *Eu estudo com minha irmã. A tia não dá História e Geografia. Minha irmã lê Geografia para mim. Hoje à noite ela vai ler Geografia para mim. Às vezes ela me ensina Geografia e História. Eu gosto de estudar Geografia.*

(conversa entre a pesquisadora e a criança na sala de aula. Victor se autodeclarou como branco) (Caderno de campo, 30 de junho de 2008).

Esse diálogo com a criança se deu na sala de aula, mas sem a presença de nenhuma outra criança. Foi a primeira vez que ela disse para a pesquisadora que morava na favela, pois sempre que tocávamos no assunto de moradia ou região, ele mudava de assunto. Esta criança gostava de falar da sua religião e sempre chegava às segundas-feiras com uma novidade sobre sua igreja. Depois de quase três meses na pesquisa, Victor se sentiu à vontade comigo para falar sobre seu local de moradia e sobre sua origem nordestina. Victor, às vezes, era corrigido pelos colegas em relação à pronúncia de algumas palavras. Outro dia ele pronunciou a palavra “linguado” de modo errado e imediatamente o colega corrigiu: *Não é “linguado”, é linguado, Victor*, disse Rogério para o colega.

5.2.4 A história da Tereza

“Minha mãe cata xepa para sustentar nós e não mexe com droga. Minha mãe tem oito filhos e eu sou a única menina.”
“Eu não gosto da favela, pois uma bala perdida pode acertar uma criança.”

A mãe sobrevive do lixo. O pai faz bico e também sobrevive do lixo. O pai da Tereza esteve preso, mas atualmente se encontra solto. Tem 7 irmãos e a mãe recebe bolsa família por 3 filhos. Ela é a única menina da família. Mora em barraco, na Favela do Sabão. Almoça na escola. Tereza é alegre, comunicativa e se relaciona bem na escola. Conversa muito com a Jussara, pois são amigas e moram na mesma

favela. Tudo que a Tereza tem foi encontrado no lixo ou ganhou de alguém: roupas, mochila, sandália, etc. Que mochila bonita, Tereza! “Achei na xepa com minha mãe”. “Minha mãe vai pra xepa para nos sustentar”. Tereza é negra, assim como suas amigas. Ela gosta de baile *funk*, e de jogar futebol. Ama o Flamengo e conhece todos os jogadores. Sabe todos os lances que os jogadores fazem no campo. Segundo Fábio, ela “manda muito bem” no futebol, ou seja, ela joga muito bem. Tereza faz penteado afro e quer que seu cabelo cresça rápido. Outro dia ela me falou que vai colocar cabelo falso para ficar grande. “Como você faz para seu cabelo crescer, tia?” Você faz o que, Tereza? “Eu passo água e creme, mas demora”. Eu faço a mesma coisa, disse eu para Tereza e ela riu muito. A Tereza é uma guerreira na sala de aula e não pára frente aos “nãos” que recebe. “*Eu quero aprender a ler e a escrever*”. “*Eu não tenho material, tia. Minha mãe ainda vai comprar meu material*”. Tereza gosta da Igreja de São Jorge e se autodeclarou preta e católica. A seguir, apresento um trecho do meu caderno de campo ilustrativo da realidade que Tereza e outras crianças da sala vivem:

Eram 16h e 20min, quase no final da aula, algumas crianças estavam reunidas no final da sala, próximas à minha mesa, conversando sobre comida. O Henrique comentou que na casa do Romildo não tem comida e que a mãe dele pega comida da xepa. O que é xepa, Henrique? Xepa é comida do lixo. A mãe do Romildo pega comida do lixo para comer. Neste momento o Henrique comenta sobre a mãe da Tereza, falando que ela também pega comida da Xepa para comer. Tereza não aceita a conversa e desmente o Henrique, dizendo que é mentira e muda de assunto completamente.” Professora, é verdade, eu vi o irmão da Tereza pegando comida no lixo”. Neste momento, Tereza, nervosa, fala: “Minha mãe cata xepa para sustentar a gente, mas não mexe com droga” (14 de abril de 2008).

Este outro trecho anotado em meu caderno de campo aborda as relações sociais e as situações de conflito e desigualdade que várias crianças negras enfrentam no seu dia a dia:

“A professora entregou uma atividade mimeografada para todos, que, depois de terminada, deveria ser colada no caderno. Todos seguiram essa orientação. Tereza terminou sua atividade, mas não tinha cola e saiu em busca de uma cola emprestada. Foi impressionante observar o seu percurso pedindo cola emprestada

para os colegas. Antes disso, ela perguntou para uma menina: Como a gente fala para pedir alguma coisa emprestada? E a amiga falou: “Por favor, você tem cola para me emprestar? Tereza saiu andando pela sala, foi de mesa em mesa pedindo cola, mas não conseguiu. Primeiro ela observava quem ela achava que teria cola e depois ia à procura. Assim, foi logo na mesa dos meninos brancos da sala, mas a resposta foi negativa. Ela rodou a sala duas vezes, sem conseguir a cola com ninguém e decidiu voltar para sua mesa. Então, perguntei: Não conseguiu cola, Tereza? Não, acho que ninguém tem. Eu não vou colar mais essa atividade. A criança estava muito desanimada e sugeri que ela pedisse cola ao Juca, dizendo que eu mandei. Tereza foi mais uma vez na mesa do menino. A tia Sara falou para você me emprestar a cola. Juca imediatamente veio à mesa a minha mesa e falou que não poderia emprestar, pois a mãe pediu para que não emprestasse o material para ninguém na sala, porém já presenciei o Juca emprestando material para os amigos. Tereza, enfim, desistiu de colar. Neste momento, Lara vai até a minha mesa e pergunto se ela tem cola, ela afirma que sim e peço que ela empreste um pouco para a Tereza. Eu não gosto de emprestar nada para ela, mas como você está me pedindo eu vou emprestar para você. Então, passei a cola no trabalho da Tereza e pedi que ela a entregasse para a Lara. Tereza entregou, agradeceu e concluiu: “eu não sei porque eles não me emprestam a cola, pois quando eu tenho, empresto para todo mundo. Minha mãe ainda vai comprar meu material, tia” (Caderno de campo, 18 de abril de 2008)

Os registros aqui apresentados tiveram como objetivo explicitar como as crianças negras se relacionavam, se viam e se percebiam em interação com outras crianças. Ao estudar a criança negra em sua interação com o coletivo da escola, não é possível deixar de lado as condições da vida dessas crianças, já que, conforme afirma CAVALLEIRO (2003):

No espaço escolar há toda uma linguagem não-verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições – formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras –, que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito do grupo negro. (id. p. 98)

De acordo com Fazzi (2006) a socialização entre as crianças constitui um momento de suma importância em que as crenças e noções raciais já internalizadas são experimentadas e testadas pelas crianças. Assim, “nessas interações entre si, as crianças vão aprendendo o que

significa ser de uma categoria racial ou de outra, criando e recriando o significado social de raça. (FAZZI, 2006, p. 218)

Vale ressaltar que, em relação à autodeclaração étnico/racial, a maior frequência encontrada entre as crianças que participaram da pesquisa foi da categoria morena (12 em 28). Constatei que, em geral, para elas preto/negro teria um valor negativo, pois, de acordo com os dados coletados, ser negro significa ser feio, ter um cabelo espetado e duro, morar em local ruim, na favela e em barraco. Há uma negatividade atribuída à categoria preto/negro, que coloca as crianças nela classificadas em situações de inferiorização, assim como são objeto de gozações e xingamentos. Fazzi (2000) também assinala uma rejeição aos termos preto/negro e uma preferência ao termo moreno.

Os meninos negros também se encontravam em situação de desvantagem em relação aos meninos brancos, em defasagem série/idade em relação à série que estavam cursando. Carvalho (2004) buscou compreender em sua pesquisa os processos que têm conduzido um maior número de meninos do que meninas e, em sua maioria, meninos negros e provenientes de famílias das camadas populares, a obter conceitos negativos e a serem indicados para o reforço escolar. Constatei também nesta pesquisa, que os meninos negros se encontravam nessa situação e, se a escola tivesse a prática do reforço escolar, para ela seriam encaminhados. Segundo Carvalho (2004) essa é uma questão pouca explorada em pesquisas brasileiras, mas “um levantamento da literatura estrangeira aponta a existência de uma discussão ampla e antiga sobre o tema, tanto nos EUA como na França, na Inglaterra, no Canadá e na Austrália”. (CARVALHO, 2004, p.13). Esses estudos tentam mostrar que a maioria dos meninos com dificuldades escolares pertence a minorias raciais e étnicas e provém das camadas populares, mas buscam também desmontar os estereótipos de mau aluno que estigmatizam os alunos negros e pobres, levando-os a ser considerados como fracassados, rebeldes, machistas e violentos. Para Carvalho, a relação entre a questão racial e de gênero e os temas de desempenho acadêmico e da violência escolar é muito menos

pesquisada no Brasil, o que leva a um empobrecimento da compreensão da temática no país.

As trajetórias de vida das crianças negras apresentam elementos fundamentais para a construção de estratégias educacionais que visem ao combate ao racismo e ao preconceito no cotidiano da escola. Segundo Eliane Cavalleiro (2005), as práticas da escola estão permeadas pelas lógicas sociais e raciais em que os envolvidos no processo de escolarização – professores, diretores, e demais funcionários – desenvolvem um pensamento marcado pela estrutura racial da sociedade em que vivemos, na qual a existência do racismo é negada e o mito da democracia racial ainda está fortemente presente.

O tema da violência emergiu também com muita força na pesquisa que desenvolvi e, nesse sentido, serve como mais uma pista para compreender as questões relacionadas ao tema das desigualdades sociais e raciais na sociedade brasileira, pois as crianças negras que participaram desta pesquisa moravam em contextos violentos e relatavam com força a violência vivida cotidianamente em seus contextos e o impacto, muitas vezes dramático, sobre suas vidas.

Outra questão que emergiu da pesquisa empírica, e que as pesquisas estudadas não abordam, é a questão da religião entre as crianças das camadas populares. Apenas Fazzi (2000) ressalta que em sua pesquisa constatou um número muito grande de crianças das camadas populares evangélicas, mas não chegou a fazer uma reflexão sobre essa questão. Neste trabalho, tento abordar esse tema apresentando as falas das crianças sobre seus contextos e suas histórias e é importante destacar que a referência ao contexto religioso do qual fazem parte aparece com valência positiva e gratificante.

Tendo presente os dados obtidos, considero fundamental que as escolas promovam um projeto de trabalho que favoreça no cotidiano escolar o diálogo e a troca entre as diferentes experiências dos/as alunos/as, que promova o respeito mútuo, o reconhecimento de suas vidas e valorização de suas experiências, que abra a possibilidade para o diálogo sobre elas sem receio e sem preconceito.

Assim, neste capítulo procurei construir um texto pautado nas experiências de vida das crianças. Suas vozes evidenciam a necessidade da promoção de uma educação intercultural pautada no diálogo, na troca e na interação com os outros.

No próximo capítulo, passo a desenvolver uma análise das entrevistas realizadas com as professoras sobre as crianças, suas práticas, vivências e experiências no ambiente escolar.